PARTIDOS

Pobreza cresceu nas duas gestões de Roseana

Governadora questiona pesquisa que mediu indicadores sociais e pede novo estudo do Ipea

UILSON PAIVA

A governadora Roseana Sarney atribuiu, nesta semana, sua segunda colocação nas pesquisas para a Presidência aos investimentos de seu governo na área social. A análise dos principais indicadores sociais do Maranhão, porém, mostra que no período abrangido pelos dois mandatos da governadora cresceram a pobreza, a mortalidade de menores de um ano e a evasão escolar no Estado.

O Maranhão tem hoje a maior parcela da população (62,37%) vivendo abaixo da linha de miséria (menos de R$ 80,00 por pessoa por mês) entre os Estados do País, de acordo com o Mapa da Fome da Fundação Getulio Vargas (FGV). Desde 1992, o número de famílias que vivem com até meio salário mínimo aumentou 37% no Estado - enquanto no mesmo período diminuiu 22% no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A última medição do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), coloca o Maranhão no mesmo patamar de nações africanas como Gana e Congo. Em pior situação, no Brasil, estão apenas os Estados do Piauí e Alagoas.

Roseana justifica os indicadores de miséria no Estado, dizendo que a realidade local é diferente da verificada no resto do Brasil. "Aqui 40% da população vive na área rural, sobrevive da agricultura de subsistência; não passamos fome", diz. O governo maranhense apresenta dados que demonstram aumento da renda per capita familiar no Estado entre 1993 e 1999 e evolução dos indicadores de pobreza.

Em entrevista ao **Estado**, Roseana disse que uma das formas que idealizou para solucionar os problemas sociais do Maranhão foi encomendar ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) um estudo para identificar as razões da pobreza. "O Ipea vai avaliar nossas ações, identificar os que são realmente pobres para que o investimento social do governo se volte para eles", diz. "Vou deixar o plano para meu sucessor." A pobreza já era um grave problema no Estado nos anos 60, quando o ex-presidente José Sarney começou a destacar-se na política local.

CARISMA EXPLICA SUCESSO DE PEFELISTA

Para explicar a contradição entre o desempenho de governo e a popularidade da governadora, o **Estado** ouviu especialistas em administração pública, cientistas sociais e políticos. Todos foram unânimes em afirmar que a fórmula de sucesso da governadora tem três ingredientes básicos: dominação política, uso dos meios de comunicação e carisma. "Roseana tem imagem de mãe de família, trabalhadora, e destaca-se nas pesquisas porque se falou muito pouco de política", afirma o cientista político Marcos Coimbra, do Instituto Vox Populi.

A dominação política da família de Roseana no Maranhão - semelhante a do ex-senador Antônio Carlos Magalhães na Bahia - começa com a eleição de José Sarney para a Câmara dos Deputados, em 1955, passa por sua chegada ao governo do Estado dez anos depois, e consolida-se com sua ascensão à Presidência da República, em março de 1985.

Presidente, Sarney deu a primeira oportunidade à filha, então com 33 anos, formada em Ciências Sociais: nomeou-a assessora do Gabinete Civil da Presidência com a função de articular acordos políticos. Inteligente e hábil, Roseana saiu-se bem na função.

Em 1992, ela elegeu-se deputada federal e ficou conhecida nacionalmente ao articular o impeachment do ex-presidente Fernando Collor na Câmara. No entanto, durante as investigações da CPI do Orçamento, no ano seguinte, teve o nome envolvido em denúncias e escapou de ter o sigilo bancário quebrado por ação da chamada "tropa de choque" do pai. Roseana elegeu-se governadora do Maranhão em 1994, derrotando, por apenas 1%, Epitácio Cafeteira, então do PPR.

Carisma - A governadora terminou o primeiro mandato dividida entre as atividades políticas e problemas de saúde. Em 1998, submeteu-se a quatro cirurgias, que a afastaram do governo por sete meses. Em repouso, quase não participou da campanha. A imagem de lutadora conquistou o povo maranhense, que em 1998 a reelegeu com 60% dos votos, em primeiro turno.

A garra e o bom trabalho de marketing ajudaram a transformar a governadora em um fenômeno de mídia. "Roseana aparece sempre na televisão, o volume de recursos gastos em publicidade é imenso, e nós não temos meios de verificar com exatidão", acusa o deputado estadual Aderson Lago (PSDB).

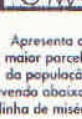
No governo de Roseana, o Maranhão foi dividido em 18 gerências regionais que substituíram as tradicionais secretarias. A oposição diz que em lugar de gerentes profissionais, como seria indicado para o modelo, os dirigentes nomeados são aliados políticos do governo.

"O que a governadora chama de administração moderna, ou seja, a descentralização do poder, nada mais é do que uma nova forma de oligarquia", critica a mestre em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Cleonice Correia Araújo, que defendeu tese sobre o governo.

Aos indicadores sociais ruins, a oposição acrescenta várias denúncias de irregularidades no governo. Na última semana, o Tribunal de Contas da União cancelou os recursos federais para oito obras do governo do Maranhão, entre elas o projeto de irrigação Salangô, com valores contratados de R$ 70 milhões, por apresentarem irregularidades graves.

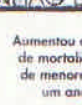
O MARANHÃO É O ESTADO BRASILEIRO QUE...

Apresenta a maior parcela da população vivendo abaixo da linha de miséria



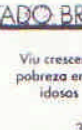
62,37% vivem com menos de R$ 80 por pessoa por mês

Aumentou a taxa de mortalidade de menores de um ano*



*De crianças mal definidas para cada mil nascidos vivos

Viu crescer a pobreza entre idosos



Tem a pior relação entre número de policiais e população*

19,8 policiais civis contra

51,7 da média nacional

128,8 PMs contra a média nacional de

[illegible]*

*Por grupo de 100 mil habitantes

Aumentou sua taxa de evasão escolar*

*Pós ensino fundamental

Apresenta a mais baixa média de escolaridade para crianças de 7 a 10 anos*

8 meses de estudo

*Dados de 1999

Tem apenas 9,2% dos domicílios com esgoto sanitário ligado a rede coletora.* A média do Nordeste é de [illegible]

*Em 1999

Teve crescimento da pobreza*, desde 1992, enquanto no Brasil houve redução

*Porcentagem de famílias com renda de até meio salário mínimo

Tem o terceiro pior Índice de Desenvolvimento Humano, de 0,547, no mesmo patamar de nações africanas como Congo e Gana

Art/Estado/Ana Calas

IMPÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

A passagem de José Sarney pela presidência da República multiplicou seu poder na mídia

Das **30** concessões de rádio e TV distribuídas por seu governo no Maranhão, **16** foram para pessoas diretamente ligadas à família Sarney

4 A família controla, oficialmente, emissoras de TV afiliadas da Globo (TVs Mirante das cidades de São Luís, Imperatriz, Santa Inês e Codó) e

4 rádios (uma em cada uma das cidades de Caxias, Pinheiro e Timon, no interior)

A família do senador Edison Lobão (PFL) controla a retransmissora local do SBT

Art/Estado

Família controla rádio e TV

Graças a uma ostensiva política de concessão de rádios e TVs - para a própria família e para os amigos - o ex-presidente José Sarney consolidou ainda mais seu poder no Maranhão. Em 1993, das 57 emissoras de rádio e TVs existentes no Estado, 20 eram controladas por amigos e parentes do então presidente. O ministro das Comunicações era o ex-correligionário Sambos pertenceram à Arena) Antonio Carlos Magalhães. Hoje, oficialmente, a família Sarney controla a principal emissora de televisão no Estado - a TV Mirante, que retransmite a TV Globo -, o maior jornal, *O Estado do Maranhão*, além de quatro emissoras de rádio. Um aliado, o senador Edison Lobão (PFL), controla a retransmissora do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Candidata recusa-se a pôr campanha nas ruas

Para governadora, que rejeita agenda feita pelo PFL, não é hora de se afastar do Estado

SUELY CALDAS

RIO - Candidata do PFL para disputar a Presidência pela coligação governista, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, tem um timing diferente da direção de seu partido, que pretende lançá-la em 5 de outubro. "Já avisei ao Jorge Bornhausen (presidente do PFL) que não sou desocupada. Tenho mais de um ano de governo pela frente e minha prioridade é o Maranhão. Tenho recusado inúmeros convites para fazer palestras pelo Brasil afora porque entendo que não chegou o momento de me lançar candidata", afirmou na sexta-feira, em entrevista ao **Estado**, ao explicar as razões que a levaram a rejeitar uma longa agenda que o PFL lhe preparara para encontros políticos com eleitores fora do Maranhão.

Esse aparente desinteresse, porém, não significa falta de apetite eleitoral e tampouco intenção de acumular apoio popular para, em momento apropriado, renunciar em favor da candidatura do governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), como tem circulado nos meios políticos de Brasília. "Tasso é meu amigo e o considero ótimo candidato, como são José Serra (ministro da Saúde), Paulo Renato Souza (ministro da Educação), o senador Pedro Simon (PMDB-RS) ou o governador Jarbas Vasconcelos (PMDB-PE), mas não estou trabalhando em favor de nenhum deles neste momento. Acho apenas que não é hora de discutir nomes. Primeiro os dirigentes do PFL, PSDB e PMDB têm de definir se a aliança será ou não reeditada em 2002. Depois disso, sim, vamos submeter nomes dos três partidos a uma prévia eleitoral."

'NÃO É HORA DE DISCUTIR NOMES'

Segundo Roseana, o presidente Fernando Henrique Cardoso lhe assegurou, "por diversas vezes", que não pretende impor um nome do PSDB para cabeça de chapa, deixando a vice-presidência para o PFL ou o PMDB. "O PFL está mais do que credenciado para ocupar a cabeça. Afinal, nossos governadores têm melhor avaliação popular. Portanto, não aceito entrar na discussão em posição inferior", afirma, nesse momento assumindo o papel de candidata à Presidência.

Em segundo lugar nas pesquisas e empatada com Ciro Gomes (PPS), a popularidade de Roseana cai na região Sudeste, onde estão concentrados mais da metade dos eleitores do País. Mesmo assim, ela garante que não pretende antecipar sua campanha eleitoral no eixo Rio-São Paulo. "É natural meu desempenho mais fraco no Sudeste, porque todos os demais candidatos são de lá", argumenta. E acrescenta: "No momento certo vou me apresentar ao Sudeste. Por enquanto o critério de avaliação é meu desempenho no governo do Maranhão."

Família - Há duas cobranças que Roseana Sarney não teme e certamente vão alforrar no calor da campanha eleitoral: a lembrança do governo de seu pai, o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP), e explicações técnicas em relação a questões econômicas. "Com relação ao governo de meu pai nada tenho a temer, nem esconder. Que venham. Até porque somos uma das famílias mais investigadas do Brasil. Não há nada de desconhecido que possa ser revelado na campanha."

Diferentemente do PT, que tem a preocupação em divulgar seu programa de governo para tranqüilizar o mercado e investidores econômicos, Roseana não dá muita importância a esse aspecto. Ela considera que, candidata da coligação que elegeu Fernando Henrique, há um entendimento natural entre os investidores de não-ruptura com a atual política econômica. "É fundamental manter a estabilidade e desenvolver políticas sociais de combate à pobreza. Agora, taxa de juros, câmbio, déficit fiscal ou superávit primário são assuntos para economistas. Para nós, mulheres, administrar não é mistério, porque fazemos isso todos os dias dentro de casa."

'A Presidência é um lugar perigoso', diz Sarney

A frase é um trecho de livro recém-lançado em que o ex-presidente conta bastidores do poder

ARIOSTO TEIXEIRA

BRASÍLIA - A Presidência da República é "um lugar perigoso" e "um cargo que tem o poder de expulsar quem não tem estrutura para exercê-lo", diz o senador e ex-presidente José Sarney dez anos depois de sua passagem pelo Palácio do Planalto. A memória dele dos idos de março e abril de 1985 está agora publicada em forma de entrevista no volume *Sarney, o Outro Lado da História*, organizado pelo jornalista Oliveira Bastos, que a editora Nova Fronteira pôs nas prateleiras das livrarias esta semana. Além de Sarney, escreveram ou prestaram depoimentos ex-ministros de seu governo como Saulo Ramos (Justiça), Ronaldo Costa Couto (Casa Civil), João Sayad (Planejamento), Maílson da Nóbrega (Fazenda) e o general Rubens Bayma Denys (Gabinete Militar).

Sarney dá detalhes, pela primeira vez, das negociações que resultaram na sua posse no lugar do presidente eleito, Tancredo Neves, então internado gravemente enfermo no Hospital de Base de Brasília. "Se, naquele primeiro momento, alguém soubesse que Tancredo iria morrer, eu não teria sido empossado", acredita ele hoje. Sarney admite que começou como um presidente "que tinha tudo para não terminar o mandato" e vai mais longe: "Aliás, eu não tinha condições de começar. Era um vice-presidente fraco, que não participara das escolhas do governo nem fora consultado. Todo o esquema das forças políticas me era hostil."

As lembranças do ex-presidente ganham relevância especial agora - além de seu interesse histórico natural -, porque sua filha, a governadora do Maranhão Roseana Sarney, por circunstâncias políticas e do destino pode se tornar um nome competitivo para disputar a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002. A única filha mulher do ex-presidente sempre mereceu dele afeição especial e parece lógico que, apesar da autonomia e independência com que ela conduz sua carreira, seu pai seja apontado por amigos como o mais temeroso do que ela possa ter de enfrentar se chegar ao primeiro plano de liderar que ele julga tão difícil.

CARREIRA DO PAI PODE ATRAPALHAR A FILHA

Sem medo - A governadora, porém, que o assessorou no Senado, governa pela segunda vez o Maranhão e esteve ao lado do pai nos cinco anos de seu mandato presidencial, diz que há muito conhece essa visão sobre os riscos da Presidência e afirma que não tem medo algum de ocupá-la. "Eu não tenho medo de nada", disse ao **Estado**. "Sei que é difícil governar o Brasil, assim como também o é dirigir um Estado ou um município."

Em outro trecho do depoimento do ex-presidente, ele revela: "Várias reuniões e articulações foram feitas para evitar a minha posse. Assumi, porque o preço de meu afastamento poderia ter um custo imprevisível. O poder podia voltar aos militares. Havíamos feito um excelente trabalho de aproximação política com um importante setor militar. Na semana anterior à posse, todo o comando das tropas já estava nas mãos do Leônidas (Pires Gonçalves, ministro do Exército designado por Tancredo). (...) A minha presença, naquele instante, era uma garantia legal de normalidade para os militares que nos apoiavam e para as correntes políticas de oposição que chegavam ao poder."

Sobre sua estratégia política: "Avaliei muito bem as minhas deficiências e as dificuldades de minha circunstância. Eu não tinha legitimidade política e não podia tomar nenhuma decisão que importasse contrariar interesses de qualquer desses grupos confederados que constituem o governo. Se o fizesse, surgiria o temível impasse. Nessa fase, amparei-me muito no Ulysses Guimarães. Ele era o ícone da resistência. Eu estava, na realidade, condenado à fragilidade. Mas não estava condenado a aceitar a fragilidade. Naquele momento, é certo, não havia outra opção senão a de assumir a minha fraqueza. Ser fraco era o preço para tornar-me cada vez menos fraco."

Cruzado - Sobre o desafio da economia: "Se ela entrar em colapso, tudo estará perdido. É impossível qualquer abertura, a efervescência da abertura, com recessão. E era essa a fórmula do sucesso que me sugeriam. Eu teria apoio internacional e a boa contade das classes dirigentes. Não mordi a isca. Saí à caça de uma solução para a inflação, que já era insuportável. Meu grande aliado e construtor desse instante foi João Sayad (atual secretário de Finanças da Prefeitura de São Paulo)." Sarney continua: "Fico perplexo quando se fala que o Plano Cruzado foi eleitoreiro. Que foi feito e usado para ganhar eleições. Ora, nenhum político faz qualquer coisa em fevereiro visando ganhar eleições em novembro, ainda menos um plano novo, sem precedentes, cheio de riscos." (**Agência Estado**)